

IMAGEM E CIÊNCIAS SOCIAIS – ASSUMINDO CAMINHOS HÍBRIDOS*

Paula Morgado**

Resumo: A relação entre imagem e ciências sociais é antiga, mas de forma tardia foi incorporada na pauta das discussões acadêmicas. Com foco na contribuição antropológica, abordar-se-á essa relação trazendo algumas reflexões sobre o uso e o estatuto que assumem as imagens fílmicas, fotográficas e virtuais nesse campo do saber. Embora mantida a margem dos grandes debates teóricos, a relação entre texto e imagem desde sempre fez parte da agenda das preocupações metodológicas na antropologia, conferindo a sua especificidade dentro das ciências humanas. O presente texto tem como meta apontar os contornos e a importância da chamada antropologia visual ou, melhor, do audiovisual.

Palavras-chave: Imagem. Ciências sociais. Antropologia visual. Antropologia do audiovisual.

Image and Social Sciences: audiovisual anthropology view.

Abstract: The relationship between image and social sciences is old, but so late was included in the agenda of academic discussions. With a focus on anthropological contribution, this text will address this relationship by bringing some reflections on the use and status to take on the film, photo and virtual knowledge in this field. Although kept the margin of the great theoretical debates, the relationship between text and image has always been part of the agenda of methodological concerns in anthropology, conferring its specificity within the human sciences. This paper aims to point out the contours and the importance of so-called visual anthropology or, better, audiovisual.

Keywords: Image. Social science. Visual Anthropology. Audiovisual Anthropology.

A Antropologia, entre as ciências humanas, talvez seja a que mais nasce comprometida com a interdisciplinaridade. Nos seus primórdios dialo-

* NOVAES, S. Imagem e Ciências Sociais - trajetória de uma relação difícil. In: Barbosa, Andréa; Cunha, Edgar; Hikiji, Rose. (Org.). Imagem-Conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos. 1 ed. Campinas: Papirus, 2009, p. 35-59.

** Laboratório de Antropologia Visual – PPGA-UFPE – Coordenador: Renato Athias; LEPPAIS – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som – Coordenadora: Cláudia Turra Magni; LISA – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia – coordenadora: Sílvia Caiuby Novaes; NAI – Núcleo de Antropologia e Imagem – Depto. Ciências Sociais- UERJ – Coordenação: Patrícia Monte-Mór; NAVI – Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem – UFSC – Coordenação: Carmen Sílvia Rial; NAVISUAL – Núcleo de Antropologia Visual – PPGAS-UFRGS – Coordenação: Cornelia Eckert; NEXTImagem – Núcleo de Experimentações em Etnografia e Imagem – PPGSA-UFRJ – Coordenador: Marco Antonio Gonçalves; AVAL – Antropologia Visual em Alagoas – PPGS-UFAL – Coordenadora: Sílvia A. C. Martins; GREI – Grupo Interdis-

ga e se confunde com as ciências biomédicas e, aos poucos, trava um namoro intermitente com as nascentes áreas das humanidades, Linguística, História, Psicologia, Semiologia e outras, de modo a produzir continuamente ramos novos do saber. Ao desafiar fronteiras, assume caminhos híbridos e, para muitos, ao transitar nessa interdisciplinaridade carrega o peso da ausência do rigor epistemológico. Ora, é nesse hibridismo formal que reside a sua força epistemológica, esgarçada quando a Antropologia se tornar visual.

Ao se trabalhar com as imagens nas ciências sociais, é-se levado a se defrontar com conhecimentos cujo entendimento pressupõe a existência de várias leituras possíveis, as quais se complementam e dialogam entre si. Explorar o campo das imagens nas ciências sociais, como bem intitula Sylvia Caiuby Novaes em um de seus trabalhos (2009, p.35-59), significa percorrer uma trajetória de relação difícil.¹ Aqui estar-se-á dialogando, em muitos momentos, com a autora, buscando explicitar o porquê dessa dificuldade e a natureza da relação entre ciências sociais e imagens.

CONHECER PARA VER OU APRENDER A VER PARA CONHECER

Na Antropologia toda forma de saber é um discurso que precisa ser decifrado e traduzido o que torna os antropólogos intérpretes culturais por excelência. Seja qual for a abordagem escolhida ou a escola antropológica pela qual a compreensão dos fenômenos são filtrados, o que está em jogo é como aprender a ver para conhecer ou como aprender a conhecer para ver.

A visão é, para nós, cientistas sociais, efetivamente um ato do conhecimento. Não se trata de uma visão qualquer e sim de uma visão treinada, formada, dirigida. O ato de ver é sempre uma questão de opção, ao contrário do ato de ouvir. O som nos penetra, vem de fora para dentro. Para olhar e, mais ainda, para o olhar que investiga, devemos dirigir nossos olhos com atenção. É um movimento inverso ao ato de ouvir, pois o olhar parte de dentro para fora. (CAIUBY NOVAES, 2009:54)

ciplinar de Estudos em Imagem – UFPB – Coordenação: Mauro Guilherme Pinheiro Koury; GRIP – Grupo de Reflexão Imagem e Pensamento – Multimeios/Unicamp – Coordenador: Etienne Samain; IMAGO – Grupo de pesquisa em Imagem, Espaço, Memória e Ensino – Universidade Regional do Cariri (URCA). Coordenador: Glauco Vieira Fernandes.; INARRA – Imagens, Narrativas e Práticas Culturais – PPCIS-UERJ – Coordenação: Clarice Ehlers Peixoto; Grupo de Estudos em Antropologia Visual – UFCG. Coordenador: João Martinho Braga de Mendonça; NAVI – Núcleo de Antropologia Visual – PPGSC-UFAM – Coordenadora: Selda Vale da Costa; NAVIS – Núcleo de Antropologia Visual – Coordenadora: Lisabete Coradini.

¹ Realizei três documentários (*Jean Rouch, subvertendo fronteiras*, 41 min, 2000, co-dirigido com Ana Lucia Ferraz, Edgar T. Cunha e Renato Sztutman; *Do São Francisco ao Pinheiros*, 52 min., 2007 e *Pelas Marginais*, 51 min., 2008, co-dirigidos com João Cláudio de Sena) e trabalho no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA), que, além de ser um centro de formação em imagem, também é um centro de produção (www.lisa.usp.br).

Nas ciências sociais nossos textos estão impregnados de um vocabulário referente à “visualidade”. Na Antropologia falamos, e muito, de observação e, desde Malinowski, procuramos captar o ponto-de-vista do nativo, tentamos reconstruir sua visão de mundo, buscamos evidências empíricas para nossas generalizações, que façam juz a uma ótica científica (CAIUBY NOVAES, 2009:55)

A partir dos anos 1970 são inúmeros os trabalhos nas ciências sociais que tratam da questão da visão, todavia, se tomarmos o conjunto da produção, muito poucos autores se dedicaram à imagem como objeto de reflexão, seja na sua análise, seja na sua produção. Lentamente essa resistência começou a se dissipar ao ponto de cada vez mais pesquisas, dissertações e teses serem enriquecidas com análises e produções de imagens, sem mencionar a profusão de encontros e seminários promovidos nas últimas duas décadas. Paralelo a tal movimento, começamos a assistir, em fins dos anos 1990, à explosão dos centros de estudo voltados para a imagem em departamentos de ciências sociais ou de Antropologia pelo Brasil todo.² Concomitantemente, o cenário acadêmico foi incorporando novas linguagens para realizar sua tarefa de transmitir os conhecimentos adquiridos. Há muito que não é mais possível negar a presença do uso de recursos visuais nas apresentações dos textos em fóruns de pesquisa ou em salas de aula e das ferramentas midiáticas proporcionadas pela informática e pela Internet na forma de se fazer pesquisa e difundi-la.

Todavia, se tais mudanças são hoje amplamente visíveis, a produção nas ciências sociais continua sendo majoritariamente gerada em textos e falas. Mesmo que a visualidade esteja presente na forma de se trabalhar (descrevem-se processos e fenômenos que se observam ou que outros observam), muito cientistas sociais continuam rejeitando as imagens como forma privilegiada de comunicação ou frequentemente se servem delas para ilustrar os textos.

Herdeiro do modelo científico fornecido pelas ciências naturais, o interesse pelas imagens na formação das disciplinas nas ciências sociais surge prioritariamente como ilustração. Desde o início, ciências como Botânica, Zoologia, Medicina, Geologia e outras se serviram das imagens- ilustrações para classificar o mundo que nos rodeia. Na Antropologia não foi diferente e, num primeiro momento, as imagens (primeiramente iconográficas e depois fotográficas) foram usadas para revelar aspectos visuais das manifestações culturais que permitissem classificar os diferentes estágios de evolução social. Aos poucos, as imagens passaram a completar os discursos textuais não mais para classificar o mundo das coisas, mas para compreender a relação entre elas. Nesse processo gradativamente as imagens foram ganhando certa autonomia como veículo de expressão.

² Vide STOLLER, Paul. “Artaud, Rouch and the Cinema of Cruelty” In Taylor, Lucien. *Visualizing theory*. Nova Iorque, Routledge, 1994, pp.84-98; GONÇALVES, Marco Antônio. O Real e o imaginado. Etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch, Rio de Janeiro: Topbooks Editora 2008, 239 p.

Tal movimento foi acompanhado pela desconstrução do discurso científico suscitada grandemente pelos autores pós-modernos, abalando as verdades estabelecidas e contribuindo para um debate acirrado na Antropologia sobre a crise de sua representação. No lugar de conceitos fechados, como de indivíduo, cultura e sociedade e suas dicotomias respectivas (indivíduo/sociedade; natureza/cultura; ciência/política), passou-se a problematizar termos mais fluidos como: disjunção, fragmentação, fluxos, hibridismo, não-lugar, entre-lugar, redes, fronteira, simulacro, diáspora, reuexividade, multilocalidade etc. Mas se, todavia, os autores pós-modernos contribuíram para se realizar uma ampla discussão sobre a autoridade do conhecimento ou de quem escreve, pouco se falou sobre os limites que cada linguagem engendra para traduzir esses conhecimentos e como o diálogo entre eles poderia evidenciar processos de reconstrução da realidade que se propõe revelar. É nesse vácuo que emerge a contribuição da Antropologia ao se debruçar sobre o estudo das imagens.

A RELAÇÃO ENTRE IMAGEM E TEXTO NA ANTROPOLOGIA

Imagens não substituem textos, assim como o inverso também é verdade. Imagens são polifônicas, permitindo leituras mais abertas que o texto escrito. Imagens, concomitantemente, têm o poder da síntese. Imagens e textos podem (e devem) se aliar, quando necessário. A relação entre imagem e texto não é, nem de longe, simples, mas, sim, bastante complexa.

Se os cientistas sociais, com raras exceções, afastaram-se da imagem é porque ela dá a impressão de proximidade com o que ela representa. Cientistas sociais e antropólogos, particularmente, adotam a posição de estranhamento e distância com relação àquilo que querem analisar. (...) A resistência a uma maior aproximação com a imagem é, muito provavelmente, por associarem a imagem a signos naturais, ao passo que as palavras são tidas, nesta perspectiva, como signos convencionais. (NOVAES, 2009, p. 49 -50).

Vilém Flusser afirma que

os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos, significam idéias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens enquanto a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos, a escrita é “metacódigo da imagem. A relação texto-imagem é fundamental para a compreensão da história do Ocidente. Na Idade Média, assume a forma de luta entre o cristianismo textual e o paganismo imagético; na Idade Moderna, entre a ciência textual e as ideologias imagéticas. A luta, porém, é dialética. A medida que o cristianismo vai combatendo o paganismo, ele próprio absorve as imagens e se paganiza; a medida que a ciência vai combatendo ideologias, ela própria absorve imagens e se ideologiza. Porque isso ocorre? Embora textos expliquem imagens

a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de remagicizá-los. Graças a tal dialética, imaginação e conceituação que mutuamente se negam, vão mutuamente se reforçando. As imagens se tornam cada vez mais conceituais e os textos, cada vez mais imaginativos. (FLUSSER, 2002, p.10).

Apesar do grande interesse da Antropologia por imagens, desde seu início, isso se deu como uma técnica de registro e, mesmo assim, com grande economia. Em 1942, a antropóloga americana Margaret Mead e o biólogo Gregory Bateson publicaram uma obra de grande fôlego, *Balinese Character; a photographic analysis*, lançando as bases para a Antropologia Visual como modo de investigação. Chamaram a atenção para que pesquisadores partissem para campo munidos de câmeras fotográficas, gravadores de som e câmeras de filmar. Essa obra resultou do extenso trabalho de campo realizado por ambos entre 1936-39 em Bali, no qual foram produzidos 15 mil clichês e quinze horas de filmes. Todavia, isso não surtiu grande efeito no meio acadêmico. Foi preciso esperar quase meio século pelo reconhecimento, no interior das ciências sociais, do estudo das imagens como um campo legítimo de pesquisa.

Como apontam as fábulas literárias, os textos não têm realidades pré-existentes que independem da leitura. Os textos se diferenciam mais pela forma como são lidos do que por seu conteúdo. O mesmo ocorre com a distinção entre textos literários e texto científico, que não é intrínseca ao texto, mas ao status que lhe é atribuído, o qual, por sua vez, depende de quem fala e para quem se destina essa fala. Durante muito tempo nas ciências sociais reinou a crença de quanto mais objetivo for o texto, mais científico ele o é, entendendo objetividade como aquilo que se aproxima mais do que foi observado ou compilado. A questão é que o que foi observado passa invariavelmente pelos filtros de quem vê ou lê e um deles é a marca impressa pelo grupo cultural do qual se faz parte.

As imagens, como os textos, são construções e, portanto, é necessário aprender seus códigos para interpretá-las. No seu livro “A Fotografia, entre documento e arte contemporânea” (2009), André Rouillé escreve que, no momento em que a fotografia é considerada apenas documento, o encontro entre “a ordem das coisas e a ordem das imagens resulta na ficção da transparência da imagem e, ao mesmo tempo, na indiscernibilidade das diferenças entre a coisa e a imagem” (2009, p.68). As imagens confundem-se, assim, com as coisas. E o mesmo autor chama a atenção de que documentais ou não, “raras são as provas que se esgotam ao descrever um objeto pré-existente, sem produzir, elas mesmas alguma coisa como objeto: sentimento, opinião, emoção, crença em determinada realidade”. (2009, p.71) Na era da profusão das mídias, as imagens tendem a se tornar autônomas, como se criassem vida própria, sem referente. Compreendidas como mediações entre o homem e o mundo, elas não são conjuntos de símbolos inequí-

vocos, não são denotativos; elas oferecem um espaço de interpretação para quem as vê, portanto, são da ordem do conotativo.

A relação entre imagem/ciência, não está descolada da visão dicotômica que emparelha outras relações através das quais pensamos o mundo, arte/ciência, documentário/ficção, objetividade/subjetividade, racionalidade / afetividade. Aqui, é preciso se deter um pouco na relação entre ciências sociais e filmes, tema sobre o qual se vem detendo nos últimos dez anos³ e cujas tensões são reveladoras da relação “difícil” que vem sendo tratada até agora.

Para abordar esse assunto, nada mais apropriado do que começar pelas idéias do pioneiro antropólogo-cineasta Jean Rouch (1917-2004), engenheiro de formação que nos fins dos anos 1940 se apaixonou pela África. Ao trabalhar na abertura de pontes, incomodou-se com os efeitos dilacerantes da expansão ocidental e decidiu, por meio de um trabalho cinematográfico, denunciar esse quadro dando voz aos sujeitos atingidos pela avalanche do então progresso.

Rouch defendeu nos anos 1960 algo que somente há poucos anos a Antropologia como ciência acadêmica, passaria a aceitar e com dificuldade: o diálogo possível entre ciência e arte, no caso rouchiano, a arte cinematográfica. Mas não se pode esquecer que Rouch nutre uma forte ligação com o surrealismo cujos representantes irão inspirar-se em obras africanas.⁴ O que define qualquer arte indaga o antropólogo. E responde: o trabalho autoral por excelência. Os filmes dirigidos por Rouch, ancorados num minucioso trabalho etnográfico, realizam a todo momento uma reflexão sobre a relação sujeito/objeto, base de todo fazer antropológico. E como? Por meio da Antropologia compartilhada. Por meio de qual linguagem? O cinema. Em sua última visita pelo Brasil, em 1996, na Universidade de São Paulo, ele afirmou pessoalmente que a Antropologia era seu ofício, embora o cinema fosse uma tarefa necessária, seu meio preferido de expressão.⁵ Em 1953 passou pelo ritual de passagem acadêmico ao defender sua tese em Antro-

³ Em agosto de 1996, por ocasião da itinerância da 3ª Mostra Internacional do filme etnográfico, Jean Rouch esteve em São Paulo participando de uma mesa redonda por mim organizada e pôde conhecer o recém criado Grupo de Antropologia Visual coordenado por Sylvia Caiuby Novaes. Desse encontro surgiu o desafio de realizar o primeiro documentário pelo grupo e optou-se por trabalhar a recepção da obra de Jean Rouch no Brasil. O filme foi finalizado quatro anos depois: Jean Rouch, subvertendo fronteiras (41 min, 2000), co-dirigido com Ana Lucia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha e Renato Sztutman (www.lisa.usp.br)

⁴ A expressão Kino-Pravda é uma extensão cinematográfica do jornal diário Pravda fundado por Lenine em 1912. Definia-se como um cinema revolucionário reunindo uma extensa rede de correspondentes oriundos de vários lugares da Rússia. Para Vertov a câmera era mais perfeita que o olho humano e ao cineasta cabia a tarefa de montar para dar sentido aos acontecimentos, de modo a introduzir assuntos políticos, econômicos e sociais.

⁵ Suzanne Langer (1895-1985), filósofa da arte, descreveu essas concepções de virtual no livro *Sentimento e Forma*, publicado originalmente nos anos 1950 (LANGER, 1980). Para ela, olhando um quadro figurativo criáramos em nossas mentes um “mundo virtual”. Um quadro de paisagem criaria aquela paisagem em nossa mente.

pologia na Sorbonne, onde era impensável, na época, estabelecer um diálogo entre cinema e ciências sociais. Vale notar que nos anos seguintes até sua morte, sua obra foi prioritariamente cinematográfica e que Robert Flaherty, John Marshall, David e Judith MacDougall, considerados os pioneiros do filme etnográfico, são todos realizadores e antropólogos autodidatas. Distinto do cinema direto, o cinema de MacDougall é um meta-cinema marcado pela explicitação do método, dos objetivos, e da própria reflexão. Cada filme seu é uma resposta às limitações percebidas no anterior. No caso dos filmes de Jean Rouch, sua forma de evidenciar aspectos da realidade se realiza em seu projeto de ficção cinematográfica, fortemente com os africanos, desafiando o realismo científico ou cinematográfico. Em muitos de seus filmes ele recria uma realidade para falar dela, o que muito incentivou o florescimento do cinema africano. Ele será um grande defensor da idéia de que todo grande filme tende ao documentário, como todo grande documentário tende à ficção. O conceito de etno-ficção, muito explorado em seus filmes, está ligado, curiosamente, ao conceito de Cinema-Verdade, usado pela Nouvelle Vague, que o recupera dos anos 1920 da Rússia.⁶ O Cinema-Verdade tem origem na experiência radical de cultura e política vivida nas primeiras duas décadas do século XX na Rússia. Nesse período foi criado o *kinotrem*, um trem com um vagão laboratório, de filmagem e de exibição, que percorria enormes distâncias pela Rússia e tinha como objetivo filmar e mostrar para as populações agrárias outras realidades do próprio país, as quais lhes eram completamente desconhecidas. Tratava-se de um projeto de propaganda revolucionária, cuja realização cinematográfica alcançou formas libertárias de montagem que marcaram a história do cinema. Como diz Renato Sztutman, “a prática da montagem revela uma função, da qual não se conseguiu fugir, que é a de argumentação: é a partir dela que a imagem se torna elemento de discurso, possibilitando a narrativa do filme”. (1997, p. 25).

SOBRE LINGUAGENS E GÊNEROS

Ao se concordar que os gêneros se completam e que a interdisciplinaridade é saudável, não significa negligenciar as particularidades das linguagens e negar que cada uma exige um domínio por parte de quem as manipula. Ao contrário! Tanto como a linguagem escrita (ou oral), o cientista social deve também ser rigoroso no uso das linguagens audiovisuais. Deve-se perguntar: por que se apropriar desta ou daquela linguagem? Qual é a melhor forma para traduzir o conhecimento que se apreende e se busca transmitir? E, ainda, como dominar este ou aquele meio de expressão?

Como diz Paul Stoller (1994), os acadêmicos estão majoritariamente ligados à racionalidade das palavras. Eles buscam o discursivo e evitam o

⁶ Lévy, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996, p.16.

figurativo. Nesse sentido as imagens, nos trabalhos acadêmicos, são transformadas em inscrições que formam um discurso coerente. A poesia e o que Merleau-Ponty chamou de “a linguagem indireta” estão além das fronteiras acadêmicas. A Antropologia Visual, entre as ciências humanas, resgata a poesia e o subjetivismo e lança um interesse renovado no estudo da visualidade.

David MacDougall afirma “vivemos a emergência na Antropologia de novos objetos envolvendo o corpo, como o papel dos sentidos e emoções na vida social, a construção cultural de identidades de gênero e pessoais. Nestas áreas a representação visual pode oferecer uma alternativa apropriada”. (1999, p. 60), Segundo esse autor, “o meio visual se serve de princípios de implicação, ressonância visual, identificação e mudanças de perspectiva que diferem radicalmente dos princípios da maioria da escrita antropológica. Eles envolvem o espectador em processos heurísticos e de criação de sentidos diferentes dos verbais. Com imagens e sons, o conhecimento é mais da ordem da “familiarização” (*acquaintance*) que da descrição (1999, p. 286).

A Antropologia, como o cinema, nasce orientada por dois princípios: de um lado, o compromisso pela documentação/ registro / objetividade do conhecimento; de outro, a atração pelo outro/a sedução pelo encontro/ o desvendar de novas formas culturais. Essa atração permitiu toda sorte de construção de imaginários, afastando-a, muitas vezes, das “realidades” que ela propunha estudar, e, igualmente, possibilitando aproximar mundos distintos que permaneceriam afastados e desconhecidos se a Antropologia não apostasse no diálogo.

Sabe-se, entretanto, que, filha do colonialismo, a Antropologia dedicou-se, durante muito tempo, à documentação daquilo que se acreditava estar desaparecendo, como as manifestações culturais dos chamados povos “tradicionais”. Em vias de desaparecimento ou não, o registro etnográfico foi sempre uma marca do trabalho antropológico. O cinema, igualmente, desde seus primórdios, nasceu preso a uma vontade de registrar o que os olhos vêem e a uma vontade de transformar a realidade. Disso resultaram filmes mais documentais e outros mais ficcionais. Todavia não é possível negar que foi a ficção que ganhou largamente mais adeptos (tanto na realização quanto na audiência), embora se saiba que por meio da ficção as pessoas sofrem um processo de identificação e confundam fantasia com realidade. Esse permanente jogo entre real/fictício, objetivo/ subjetivo, empírico/ideal agiu, desde sempre, como propulsor no cinema, na Antropologia e em todas as esferas da vida social.

Para mim, como etnógrafo e cineasta, não há quase nenhuma fronteira entre filmes documentários e ficcionais. O cinema, arte do duplo, é já a passagem do mundo do real ao mundo do imaginário, e a etnografia, ciência dos sistemas de pensamento dos outros, é uma travessia permanente de um universo conceitual a outro, ginástica onde perder o pé é o menor dos riscos. (ROUCH, apud STOLLER, 1994, p. 96-97; trad. da autora).

O filme, a fotografia, o desenho ou qualquer que seja a mídia pela qual as imagens se expressam, tornam-se objetos legítimos de conhecimento e a Antropologia Visual um campo promissor de pesquisa no interior das ciências sociais. Nesta abordagem, é pela imagem (fotográfica, fílmica, hipermídia, cibernética...) que se mergulha no objeto, isto é, a imagem não é meramente mais uma ilustração, mas matéria-prima da análise, desempenhando no discurso o mesmo estatuto das demais linguagens.

Cabe salientar que as imagens nas ciências sociais podem ser meio e produto da pesquisa. No caso dos filmes, alguns são bons para pensar os fenômenos que se está investigando (que fazem parte dos processos da pesquisa); outros resultam das próprias investigações (ou dos processos de pesquisa). Em breves palavras, os filmes ajudam a entender determinada questão/realidade; são produzidos para os sujeitos da pesquisa (feitos sob demanda ou como moeda de troca); são feitos para sensibilizar outras pessoas (como são os próprios textos) e podem circular em salas de aulas, fóruns específicos, festivais ou mesmo em canais de TV.

Quando se busca identificar que tipo de produção fílmica visual antropológica circula, nota-se que um grande espectro de possibilidades e gêneros se cruzam: filmes mais descritivos que privilegiam dar voz a quem é filmado (produzidos no contexto de uma Antropologia observacional), filmes de denúncia ou comprometidos com uma tese que se pretende provar (produzidos no contexto de uma Antropologia engajada); filmes poéticos (produzidos no contexto de uma Antropologia que trabalha a relação entre arte e Antropologia). Segundo o crítico e teórico norte-americano Bill Nichols,

documentários sempre foram formas de representação, nunca janelas transparentes para a realidade; o cineasta é um participante-testemunha e um ativo fabricante de significados, um produtor de discurso cinematográfico e não um repórter neutro e onisciente da verdade das coisas. (1988, p. 49).

O filme, nas ciências sociais, deve ser entendido como formando um conjunto de valores, categorias e contradições do mundo que nos rodeia. Seja pelo documentário, seja pela ficção ele reconstrói o real e seus significados nascem por meio dos planos e sequências, isto é, da sua montagem. Em outras palavras, as imagens contam histórias, falam de tempos, lugares, sentimentos, perspectivas e podem mitificar representações. Assim, os filmes e fotos, sendo sempre culturalmente construídos, formam narrativas sociais e não são relatos realistas, mas dramatizações da realidade.

Na Antropologia, desde a década de 1980, começou a se travar uma longa discussão de que não se precisava ser o Outro para conhecer esse Outro, mas que em termos formais era necessário apreender o ponto de vista do nativo. Dessa reflexão passamos a ter um número grande de descrições em primeira pessoa (e não mais em terceira); baseadas em teorias

fenomenológicas (ao invés de objetivas) e análises êmicas (no lugar de éticas). O desafio emerge ao se buscar respeitar a visão do Outro e torná-la visível, revelando, ao mesmo tempo, as descobertas dos que observam (dos seus autores) ou fazendo transparecer os modelos teóricos, os *insights*.

Nos livros *Desafios da imagem* (BIANCO, LEITE, 1998) e *Imagem em foco* (ECKERT, C, MONTE-MOR, p. 1999) constata-se o quão inevitável é se confrontar com desafios epistemológicos ao se trabalhar no campo das imagens. O primeiro livro traça um painel do estado da arte do período, a saber, há pouco mais de uma década, abordando as novas estratégias metodológicas para o ensino e a pesquisa em ciências sociais com base no estudo das diferentes formas de visualidade contemporânea. Ao mesmo tempo em que os artigos dessa coletânea buscam reconhecer a importância das culturas visuais no estudo dos fenômenos contemporâneos, insistem na necessidade de aprender a “ler”, produzir e interpretar criticamente as diferentes linguagens visuais. Como escreve Maria Teresa de Mello, ao resenhar este livro (1999, p. 215):

Em busca de novas perspectivas teórico-metodológicas, faz-se um questionamento da tendência de construir o conhecimento por meio de modelos e classificações e de utilizar a dimensão imagética como documento da “realidade objetiva” ou como mera ilustração de textos verbais. Ao invés do simples registro e da documentação visual do “instantâneo da experiência”, ressalta-se a importância de dedicar maior atenção aos significados culturais engendrados pelas imagens, bem como às formas pelas quais a produção e a leitura dessas imagens são mediadas. Essa nova forma de abordagem transforma a prática de pesquisa. A utilização de linguagens visuais acentua a necessidade de se redefinir as relações entre pesquisadores e seus sujeitos e ajuda a dirimir oposições reducionistas entre subjetividade e objetividade na pesquisa. Em vez da postura neutra do “observador participante”, a pesquisa passa a ser o resultado da interação entre pesquisadores, pesquisados, produtos e contextos históricos.

Com relação à segunda coletânea, *Imagem em foco*, o que seus textos apontam? Em primeiro lugar que a Antropologia é também um discurso literário, relatando uma vivência; em segundo, que é preciso abandonar a dicotomia entre imagem e texto e entre Antropologia e Antropologia Visual; em terceiro, que é necessário se fazer a crítica de que no Ocidente o pensamento se apoia na ideia de que a realidade será mais bem compreendida se descrita quando se procura interpretar literalmente uma coisa como ela é, pois, caso contrário, não chegará a ponto algum. Os textos selecionados nessas duas coletâneas mostram que as imagens, assim como os textos, são construções e, portanto, faz-se necessário aprender seus códigos para interpretá-las. Quando se busca entender os significados das imagens fotográficas, percebe-se que as fotografias não remetem às coisas, mas à espiral infinita de outras imagens, imagens simbólicas, familiares, culturais; imagens de toda ordem, cujos sentidos dependerão do legado cultural de quem as vê.

Assim como não há imagens “reais”, não existem imagens “virtuais”, pois todas as imagens carregam um duplo caráter ilusionista, de estarem presas a um referente objetivo e ao mesmo tempo estarem associadas potencialmente a algo ainda não realizado.⁷ Se há uma dicotomia em jogo seria entre o virtual e o atual, mas não entre o real e o virtual.⁸ Popularmente o virtual ficou associado às formas de comunicação pela Internet e ao tratar das imagens “virtuais” estarei me referindo às que circulam nesse meio.

O ciberespaço, por suas próprias características espaços-temporais, permite uma permanente reconstrução das identidades que nele circulam, constituindo-se num espaço privilegiado de proliferação de identidades móveis. Nesse espaço o risco do usuário (que consome os conteúdos da web-páginas) não saber distinguir práxis de imaginação é enorme. Na outra ponta, de quem concebe os discursos (os autores das web-páginas), instaura-se o risco de querer fixar formas identitárias em nome de uma tradição a todo custo reivindicada. Mas entre esses pólos se configura um espaço fascinante onde circulam imagens virtuais, potencialmente híbridas pois dialogam constantemente com as demais. Pela primeira vez, linguagens distintas são postas num mesmo espaço de comunicação: linguagem oral, textual, sonora, gráfica.

É preciso igualmente não ignorar que uma das principais possibilidades de representação propiciada pelo suporte eletrônico parece ser sua capacidade de transpor e integrar diferentes linguagens, criando novas formas de representação. Nessa nova plataforma, onde a comunicação faz-se por hipertexto, paulatinamente as imagens vão modificando os modos de pensar: na busca de conhecimentos, na forma de relacioná-los a outros conhecimentos, na forma de compreendê-los. Em tal espaço de comunicação as imagens desempenham um papel importante na intertextualidade: elas não ilustram simplesmente falas, elas dirigem a leitura, completam e motivam uma leitura não passiva. Ainda, a partir desse momento, passa a ser possível numa só leitura integrar desenhos, fotos, esquemas, gráficos que até então estavam separados não apenas em termos formais, mas temporais. Pela primeira vez o leitor traça seu próprio trajeto de leitura e compreensão e transpõe fronteiras temporais, podendo acessar conhecimentos em tempo

⁷ Em agosto de 1996, por ocasião da itinerância da 3ª Mostra Internacional do filme etnográfico, Jean Rouch esteve em São Paulo participando de uma mesa redonda por mim organizada e pôde conhecer o recém criado Grupo de Antropologia Visual coordenado por Sylvia Caiuby Novaes. Desse encontro surgiu o desafio de realizar o primeiro documentário pelo grupo e optou-se por trabalhar a recepção da obra de Jean Rouch no Brasil. O filme foi finalizado quatro anos depois: Jean Rouch, subvertendo fronteiras (41 min, 2000), co-dirigido com Ana Lucia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha e Renato Sztutman (www.lisa.usp.br)

⁸ A expressão Kino-Pravda é uma extensão cinematográfica do jornal diário Pravda fundado por Lenine em 1912. Definia-se como um cinema revolucionário reunindo uma extensa rede de correspondentes oriundos de vários lugares da Rússia. Para Vertov a câmera era mais perfeita que o olho humano e ao cineasta cabia a tarefa de montar para dar sentido aos acontecimentos, de modo a introduzir assuntos políticos, econômicos e sociais.

quase real. Vale notar como a cada dia surgem mais bancos de dados e se criam novas bibliotecas virtuais e como, por sua vez, reduz-se o número de frequentadores presenciais nos espaços de consulta (ou nas bibliotecas tradicionais). Contudo, é preciso dominar esse novo espaço de comunicação e cognição, para gerar conhecimento e não meramente reproduzir informações. Como anteriormente afirmei:

No ciberespaço existe um desafio novo sendo produzido pela massa de informações sem adequado tratamento que facilita a expansão de um campo de despolitização e de alienação paradoxal. Uma das conseqüências mais nefastas deste processo é a despolitização do saber. Ao se caminhar para a erosão dos referenciais (no ciberespaço), tem-se a ilusão de que tudo é possível. De um lado, acredita-se que a velocidade e acesso irrestrito aos dados é uma garantia da sua autenticidade e, de outro, se esquece que por trás dos mundos virtuais se reafirma um mundo ancorado numa lógica de mercado. Disso resulta que como em qualquer outro meio de comunicação de massa, na *web* ocorrem fervorosas competições. Se o apelo ao acesso indiscriminado às informações na rede acaba tornando opaca a presença de interesses econômicos e políticos, paralelamente desenvolvem-se movimentos que procuram opor-se e/ou questionar tais jogos de poder entre grandes grupos comerciais. Tais movimentos integram a chamada “mídia radical” ou luta de esferas de ação comunicativa (no ciberespaço) que visam à transformação social no sentido de se construir e viabilizar, por parte da sociedade civil, a sua democratização (BARROS, MORGADO, 2009, p. 295).

A era da imagem digital, na qual se vive, aponta para o fenômeno da desterritorialização da imagem e dos saberes. Isso passa a ser visível a partir dos anos 1990 com a revolução tecnológica no campo da informação e comunicação. Nesse novo espaço de comunicação desconecta-se a imagem de sua origem material, o que vem contribuir para o fim do regime de verdade que lhe foi imposto e para o desaparecimento da rigidez de nossos modos de pensar. Os caminhos traçados pela Antropologia podem ser híbridos, mas seu estudo depende de um criterioso trabalho de observação que demanda se estar constantemente sensível à natureza do meio que se escolheu estudar e à maneira de difundir os conhecimentos que se busca entender. A dramatização da cultura está dada, o que a Antropologia faz é revelá-la e a Antropologia Visual, torná-la ainda mais transparente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Denise D. MORGADO, Paula . Dogon e Wayana na web: territórios virtuais e formas de apropriação do outro. In: BARBOSA, Abdréia; CUNHA, Edgard Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirama. (Org.). *Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos*. 1 ed. Campinas: Papius, 2009, v. 1, p. 293-314.
- BIANCO, Bela Feldman; LEITE, Miriam M. (Orgs.). *Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas/São Paulo: Papius, 1998. 319 p.

ECKERT, Cornelia; MONTE-MOR, Patricia. *Imagem em foco*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002, Rio de Janeiro.

MACDOUGALL, David. The Visual in Anthropology In: BANKS, Marcus; MOROPHY, Howard (Orgs), *Rethinking Anthropology*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1999, p. 276-295.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira. Resenha do livro *Desafios da Imagem*, Organizado por Bela Feldman-Bianco e Míriam L. Moreira Leite. São Paulo, Editora Papius, 1998. *Revista Estudos Históricos*, São Paulo. Vol. 13, N° 23, 1999.

NICHOLS, Bill. The Voice of Documentary In: *New challenges for the documentary*. Berkeley: University of California Press, 1988, p. 48 - 63.

NOVAES, Sylvia C. Imagem e Ciências Sociais - trajetória de uma relação difícil. In: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar; HIKIJI, Rose. (Org.). *Imagem-Conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos*. 1 ed. Campinas: Papius, 2009, v. , p. 35-59.

ROUILLE, André. *A fotografia: entre documento e a arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

STOLLER, Paul. "Artaud, Rouch and the Cinema of Cruelty". In Taylor, Lucien (ed.). *Visualizing theory*. New York: Routledge, 1994, p. 84-98.

